

A crise da arte

Pasquale Foresi

Tradução: José Maria de Almeida

O ponto de partida do ensaio focaliza a crise do pensamento provocada pelas grandes mudanças em nível social, cultural, político, técnico-científico, que abalaram sensivelmente muitos países, a ponto de afetar toda a humanidade. Algumas considerações sobre os pressupostos da arte e da estética, aplicados em vários campos, podem ter um significado e uma importância fundamentais para a sociedade. *Abba*, São Paulo, v. 5, n. 3, pp. 33-40.

Minha intenção é fazer algumas considerações não tanto sobre a arte ou sobre a estética em si, mas sobre alguns pressupostos da arte e da estética, os quais, aplicados a esse campo, podem parecer de importância fundamental.

Crise do pensamento

Partamos daquilo que se observa na vida da humanidade nestas últimas décadas. O que ficou mais evidente foram as grandes mudanças, em nível social, cultural, político, técnico-científico, que sacudiram sobretudo alguns países, mas de tal maneira, e de modo tão crescente, que afetaram toda a humanidade.

Com essas revoluções ou inovações verificou-se uma profunda crise no campo social, e na área do pensamento. É uma crise que deu origem ao que poderíamos chamar de ceticismo: não se acredita mais nas possibilidades de o pensamento poder afirmar verdades racionais; ou seja, desconfia-se do valor da razão.

Isto se percebe em todos os campos. No pensamento filosófico, hoje, ninguém pode afirmar que exista “a filosofia” a ser seguida. Mais do que fazer filosofia, muitas vezes os interessados limitam-se a fazer a história das idéias filosóficas, e não se encontram personalidades capazes de inovar profundamente o pensamento. No campo católico,

em particular, não satisfaz mais aquele modo de entender a realidade segundo o sentido realista medieval; desse modo, procuram-se outros caminhos.

No nível teológico, encontramos uma série de opiniões, as mais disparatadas, que surgem e desaparecem, que se contradizem, manifestando o sintoma de uma crise não tanto da fé, não tanto da presença do divino, mas do modo de apresentar, expressar e compreender a fé.

Trata-se de um daqueles fenômenos históricos que não podem ser contidos. É a humanidade que não está mais satisfeita com o modo com que antes se pensava e se enfrentava a realidade. Como acontecia, por exemplo, com os sofistas no tempo dos pré-socráticos: quando eles não negavam o pensamento e a vida, mas expressavam o descontentamento da humanidade frente a um modo de conceber a realidade que não era mais adequado ao desenvolvimento dos povos e da cultura de então. Era necessária uma nova fase, que eles, sem saber, estavam preparando. De fato, depois vieram Sócrates, Platão, Aristóteles, com filosofias grandiosas que correspondiam às exigências de seu tempo, e continuam a oferecer-nos aspectos sugestivos até hoje. Eles, porém, foram produto daquela crise, daquela decomposição da vida anterior, o que permitiu o desenvolvimento de novas concepções.

A cada nova virada da humanidade é necessária uma certa crise de sofismo e de ceticismo, cujo aspecto positivo é precisamente apontar para a exigência que os homens têm de encontrar novos aprofundamentos e novos horizontes na vida e no pensamento.

Crise da arte

Vida, trabalho, pensamento, música e arte são expressões diferentes do homem, mas integradas entre si. Também a arte, que é uma das mais altas intuições do ser humano, está passando por uma crise que pode ser muito elucidativa. Vemos que hoje se produzem inovações radicais no âmbito da arte. O povo simples fica desconcertado, não consegue entender as várias manifestações artísticas de hoje. E isso é grave, sob certo aspecto, porque nos períodos mais felizes da vida do pensamento e da vida da arte havia a participação da humanidade de então, do povo, das massas. Até a geração anterior à minha,

por exemplo, havia na região da Toscana [na Itália] camponeses que conheciam de cor a Divina Comédia [de Dante Alighieri] justamente porque era uma expressão artística que correspondia às exigências da vida daquele mundo, daquela cultura. Algo semelhante ocorria com as grandes tragédias gregas, ou mesmo com os debates filosóficos que eram feitos pelos filósofos nas praças, no tempo dos romanos, ou com as disputas teológicas que, mais tarde, se desenvolviam nas igrejas, diante do povo.

Por outro lado, pessoalmente vejo o lado positivo das atuais expressões artísticas, porque através dessas novas formas é a humanidade que está buscando a si mesma. Não está mais satisfeita com as velhas formas e tenta, assim, novos caminhos, embora não tenha conseguido ainda encontrar uma nova síntese, novas formas que a satisfaçam, ou melhor, que a expressem, em suas mais profundas exigências atuais.

Do individual ao coletivo

Se hoje tudo entra em crise e tantas coisas não satisfazem mais, é justamente porque neste nosso tempo estamos assistindo à passagem da humanidade de uma fase histórico-cultural à outra. Qual é o aspecto fundamental que está mudando na sociedade atual? Trata-se do fato de que até agora o homem ocidental viu e viveu as coisas de um ponto de vista, sobretudo individualista, enquanto a nova fase, na qual estamos entrando, é a da vida “coletiva” ou — se não se deseja usar essa palavra, que pode também ter um sentido técnico muito preciso — da vida comunitária.

Isto acontece seja no nível, digamos, superficial (notícias, embora mínimas que se espalham pelo mundo inteiro; rapidez de informação; facilidade de deslocamento e de contato com outros povos e culturas etc.), seja no nível mais profundo. Antes, cada um pensava por si, e depois comunicava ou recebia dos outros. Escrevia-se uma carta, e a resposta chegava depois de meses; enquanto isso, a pessoa refletia sozinha; depois, quando recebia a resposta, podia repensar tranqüilamente o assunto tratado e escrever uma outra carta que, por sua vez, também chegava ao destinatário depois de meses. Basta citar

são Jerônimo: suas cartas distam três ou quatro anos uma da outra, por causa do tempo que uma carta levava para ir da África à Europa, e outro tanto para chegar a resposta.

E o que se diz da lentidão das comunicações pode-se afirmar de muitas outras coisas. O fato, por exemplo, de não existirem as máquinas impressoras fazia com que também as obras maiores, aquelas que fizeram história, as Sumas Teológicas da Idade Média, contassem com poucas dezenas de cópias em toda a Europa. Era um manuscrito que se consultava só nas universidades, nas grandes bibliotecas, enquanto, normalmente, circulavam apenas apontamentos compilados pelos próprios alunos, dado que uma obra daquele gênero tinha um preço comercial evidentemente altíssimo.

Isto para dizer que os contatos humanos, os problemas, o desenvolvimento cognitivo, eram diferentes do que são hoje. O homem pensava por si. Não existia a sociabilidade cognoscitiva tão forte como existe hoje.

Hoje em dia, todas as relações estão mudando. Recebemos contínuos choques pelo ritmo de nossa vida, pelos contatos permanentes que temos com outros homens; somos bombardeados continuamente por imagens, publicações, notícias; encontramos-nos numa tensão contínua entre mil informações que nos chegam e a necessidade de nos aprofundarmos nos problemas, entre a especialização e um diletantismo superficial em todos os campos. Jacques Maritain disse que santo Tomás tinha lido toda a produção literária que existia então, do mundo grego e do mundo romano, da patrística e do mundo medieval, e só quando se convenceu de que tinha adquirido uma certa competência, não só nos terrenos da filosofia e da teologia, mas também no da ciência, da arte, da medicina, é que começou a produzir. Ele queria dizer algo de novo e, por isso, sentia o dever de ler tudo o que tinha sido escrito antes.

Hoje, um especialista, se por um lado está consciente do fato de que é impossível fazer algo semelhante, ao mesmo tempo sabe que se não estiver conectado de alguma maneira com as outras ciências, arrisca-se a cometer grandes erros, perder tempo, enfrentar problemáticas falsas, fazer mitologia ou falar sobre o nada. Daí a exigência atual do trabalho em equipe, a necessidade do trabalho e do ensinamento interdisciplinares, do diálogo, da comunhão. E isto não só por uma

utilidade prática, pois sendo vários, conseguiremos enfrentar um problema observando suas variadas angulações e chegaremos assim, mais facilmente, a uma solução, também porque estamos desenvolvendo de modo novo o ser social do homem, inclusive no aspecto cognitivo. A marcha da humanidade e as circunstâncias históricas colocam o homem em condição de desenvolver esta sua dimensão fundamental, como jamais aconteceu antes na história.

Busca e desarmonia

Esta situação não podia deixar de incidir profundamente também sobre o mundo das artes. Os artistas não podem prescindir da humanidade de hoje, das suas características, dos novos tipos de relações que estão surgindo. E não devem mesmo, porque se não têm tudo dentro de si, em certo sentido, não são artistas, porquanto não conseguem expressar a humanidade na qual vivem. Alguns conseguem manter-se à margem da labuta da sociedade atual, mas são exceções que não conseguem influenciar profundamente; e ainda que expressem coisas belas e positivas, o povo não as sente como próprias, porque não exprimem mais o mundo em que vivemos.

E este mundo é expresso, muitas vezes, pelas chamadas decomposições que encontramos em certas expressões artísticas. Por um lado, poder-se-ia pensar que somos todos loucos, ou que estamos diante de astutas peças publicitárias e comerciais para conquistar fama e dinheiro. Porém, se olharmos mais profundamente, reconheceremos que não somos exatamente assim. A arte de hoje expressa o estado de espírito que experimentamos ao viver no meio de todos os outros: desejaríamos ser um pouco disto e um pouco daquilo, ter tudo em nós e ser um pouco tudo. A arte atual consegue exprimir, de alguma maneira, aquilo que somos, como homens de hoje. De maneira ainda desarmônica, é verdade, mas exatamente porque é o próprio homem que ainda está em desarmonia dentro de si e em suas relações.

O artista de hoje está imerso numa humanidade que fez experiências tão ricas e profundas que a ponto de perceber que as formas anteriores de arte não lhe bastam mais para expressar aquele homem que ele é. Então entra em crise. Crise da arte, sim, mas na medida em que expressa a crise de transição do próprio homem, que está caminhando

para uma nova síntese. Entrou em crise um esquema, uma série de valores, alguns dos quais serão retomados mais tarde, porque tudo aquilo que é válido o homem retoma-o sempre.

Uma arte nova

Perguntar-se-ia: mas aonde iremos parar? Penso que a humanidade esteja caminhando para um novo equilíbrio social, dado por um novo senso de unidade e de distinção. É necessário que o homem descubra de vez que é mais social do que antes, mesmo permanecendo completamente ele próprio. E que ele está mais só, em certo sentido, embora estando mais plenamente inserido nos outros. Estamos caminhando para novos pontos de contato, de diálogo, de coexistência, de relacionamentos, tanto entre as pessoas quanto entre os grupos sociais e os povos. Está-se abrindo a passagem para uma nova vida, uma nova visão da vida.

A humanidade está buscando uma realidade nova, uma fraternidade, uma síntese nova que é humana e divina. E também a arte — que hoje se encontra entre dois mundos — conseguirá expressar-se de uma forma nova. Cada estação tem suas flores; assim, a arte não pode se expressar hoje com as fórmulas do século XIV ou de um século atrás, mesmo sendo maravilhosas.

É por isso que, quando artistas se encontram, hoje, para buscar uma nova unidade espiritual entre si — não espiritual no sentido devocional, mas no sentido mais pessoal e profundo que se possa imaginar —, estão colocando bases sólidas para resolver o problema da arte, para encontrar novas expressões artísticas que expressem e satisfaçam o conhecimento e a vida da humanidade que está nascendo.

Precisamos de artistas que possuam um novo tipo de arte e de conhecimento que não é só individual, mas que lhes permita, permanecendo e descobrindo cada vez mais a si mesmos, exprimir também um pouco o conhecimento do outro. Diz-se que o amor é unitivo, e para isso é fundamental o conhecimento. Um grupo, em que haja verdadeira relação de amor, de unidade, consegue mais facilmente transmitir reciprocamente, entre seus membros, os variados modos de ver as coisas. Assim, cada um é capaz de ver a partir do próprio

ponto de vista, mas também com os olhos do outro.

Mesmo quando não estamos unidos no amor, num certo sentido nos influenciamos mutuamente; no mínimo como reação, os outros também nos comunicam sempre alguma coisa. Mas se nos inserimos no ser do homem e no ser metafísico que tende à unidade, nós facilitamos enormemente esse nosso modo de conhecer e assimilamos aqueles elementos que depois saberemos expressar de forma que os outros entendam, porque são exatamente as formas que todos, inconscientemente, sentem e vivem.

As expressões atuais da arte, que nos parecem tão estranhas, são na realidade expressões daquilo que a humanidade é, obrigada a viver unida sendo ainda desunida. Expressam mil coisas ainda não harmonizadas. Se conseguíssemos a harmonia entre nós como pessoas, então haveria harmonia também na arte e em suas expressões, porque a arte é a expressão do ser, e os verdadeiros artistas são aqueles que conseguem dar forma, para além das técnicas que aprenderam, à realidade que possuem dentro de si. Se não conseguirmos nos harmonizar, não conseguiremos jamais criar uma arte nova que “satisfaça” a todos.

Portanto, de um lado é bom que surjam as atuais expressões artísticas, porque nos fazem ver a crise das formas do passado e nos fazem entender melhor como estamos agora. Porém, são também um sinal da necessidade urgente que temos de avançar, são um sinal de que o ser já está muito além da forma artística atual. Se a arte se exprime através de formas decompostas, quer dizer que já chegamos num ser que está além, mas que ainda não encontrou a sua perfeição formal. A arte atual é a destruição do velho tipo, mas não é ainda o novo tipo. Este, só pessoas que estejam em sintonia com o grau de desenvolvimento atual do ser e da humanidade, conseguirão criá-lo. Pessoas que estejam em tal comunhão entre si que consigam expressar o que pessoalmente sentem e, ao mesmo tempo, o que sente o corpo social em que estão inseridas. Que saibam escutar-se mutuamente, e não só através das palavras, porque às vezes basta ouvi-las antes mesmo que digam qualquer palavra, basta ouvi-las no ser que elas nos apresentam, no ser que elas são. Penso que será de pessoas desse tipo que nascerá algo de novo, que não destruirá o velho mas o conterá — porque todas as grandes épocas artísticas contêm em si as sementes de uma outra época —, exprimindo-se, porém, a partir de um outro ponto de vista,

de um outro aspecto. Não podemos ficar esperando que nasçam essas formas novas. Elas nascerão de pessoas que tenham descoberto, no sentido mais profundo, a sociabilidade, a comunhão.